

PRODUÇÕES VERBAIS ESTRANHAS EM AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM: QUESTÕES LEVANTADAS PELA SINGULARIDADE DA FALA DA CRIANÇA

*Júlia Coutinho Costa Lima**
*Glória Maria Monteiro de Carvalho***

RESUMO

Visando a uma maior compreensão dos processos de aquisição de linguagem, o objetivo básico do presente estudo foi o de aprofundar a análise de produções verbais da criança, as quais provocam, no adulto, um efeito de estranhamento, na tentativa de diferenciar os vários modos em que tais produções poderiam se apresentar. Nesse sentido, foram analisados os dados verbais de uma díade mãe-filho, destacando-se um tipo de produção singular da criança que ocorria numa atividade discursiva de jogos simbólicos. Um tal tipo de produção – caracterizado, basicamente, pelo espelhamento imediato de estruturas do discurso da mãe – foi discutido como um efeito heterogêneo do funcionamento da língua, em seus processos metafóricos e metonímicos.

Palavras-chave: Aquisição de linguagem, singularidade, processos metafóricos e metonímicos.

A produção verbal *errada* possui um papel fundamental dentro de diversas abordagens da aquisição de linguagem, sendo considerada, em muitas delas, como indicador de mudança na fala da criança. Algumas dessas posições teóricas sugerem que tal produ-

* Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco; psicóloga clínica do Instituto Materno-Infantil de Pernambuco (IMIPE). E-mail: jopcarv@uol.com.br

** Doutora em Ciências pela Unicamp; professora do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE na área de Aquisição de Linguagem/CNPQ. E-mail: gmmcarvalho@uol.com.br

ção indica uma mudança no conhecimento que a criança possui sobre a língua, como é caso, por exemplo, das abordagens construtivistas de Peters (1983), Bowerman (1974 e 1982) e Karmillof-Smith (1986).

Entretanto, assumimos a proposta de Lemos (1999 e 2000) que concebe o erro como indício de uma mudança de posição do sujeito em relação à língua, o que vai ser especificado mais adiante.

Ao colocar em discussão o erro em aquisição de linguagem, Carvalho (1995) elaborou uma tentativa de classificação, através de dois tipos: “erros de saber” e “erros de não saber”. Os primeiros seriam caracterizados por responderem a um padrão da língua, como por exemplo o uso do *fazi* no lugar do *fiz*. O segundo tipo, os “erros de não saber”, seriam caracterizados como verbalizações imprevisíveis, que não corresponderiam a um padrão da língua, gerando, desse modo, um efeito de estranhamento no adulto/parceiro da relação dialógica, segundo a concepção de Lemos (1994). Tais produções baseiam-se, portanto, numa maneira singular de combinar significantes ou, como diz essa autora, consistem numa possibilidade – ainda que esquecida – da língua, só podendo ser apreendida, pelo investigador, a partir de seus efeitos no conjunto lingüístico.

A relevância do estudo dos efeitos de estranhamento consistiria, então, na tentativa de aproximação do funcionamento da língua – em seus dois pólos, metafórico e metonímico, que se atualizam na fala da criança –, lançando luz sobre os modos pelos quais um tal funcionamento daria lugar ao singular das produções verbais do sujeito. Foi Lemos (1992) quem ressignificou, no campo da aquisição de linguagem, a noção de funcionamento metafórico e metonímico formulada por Jakobson e relida por Lacan, tirando-lhe as conseqüências no que diz respeito ao estudo da mudança nesse campo.

Segundo a referida autora, podem-se delimitar três posições diferentes por que passa a criança, em sua trajetória lingüística, muito embora não seja possível falar em ultrapassagem de uma posição em relação às outras.

Nessa abordagem, portanto, a primeira posição seria caracterizada por uma dependência, ou mesmo um espelhamento da fala da criança em relação à fala do outro/adulto/interlocutor, sendo um tal momento marcado pela escassa produção de erros. Essa depen-

dência, por sua vez, se expressa tanto em termos da *onipresença* de fragmentos da fala do outro na fala da criança, quanto do reconhecimento pelo outro dessa fala, ou seja, da interpretação que esse outro dá, o que mobiliza e mantém o diálogo.

Na segunda posição, há um predomínio do cruzamento de cadeias verbais, na fala do sujeito. Este cruzamento ocorre a partir de relações de contigüidade, ou de aproximação entre cadeias (processos metonímicos) e de substituições de significantes, nas cadeias (processos metafóricos), evidenciando-se, desse modo, uma “submissão” ao significante. Com a mudança para a segunda posição, visualizam-se tanto os “erros de saber” como os “erros de não saber” (produções estranhas), sendo esses últimos marcados por uma combinação mais livre da língua, dando lugar a uma heterogeneidade da fala da criança. Essas produções estranhas são difíceis de ser entendidas por abrigarem cadeias latentes que deixam marcas na cadeia manifesta. Assim, tais tipos de produções possuem sentidos múltiplos, pois se constituem de cadeias que podem, a todo instante, tornar-se outra cadeia. Configura-se, desse modo, na segunda posição, a dominância do pólo da língua, como é o caso, por exemplo, da produção verbal de C: “*agola eu tô cum tade*”, no episódio abaixo:

(1) C = criança M = mãe
(C - 2;3.7 e M, no final da sessão)

M- Então tá. Ó Mariana. Agora vamos acabar de gravar, fala tchau.

C - Tchau.

M- Pró quem que você vai falar tchau?

C - Ti/au/ *agola eu tô cum tade*.

C - Agola ele/agola ele/ele vai/vai a remédio.

M- Quem vai tomar remédio?

C - Ele.

M- Então fala tchau. Pró quem que você vai falar tchau?

C - Tchau.

No caso da referida produção, nesse exemplo, propõe-se que várias cadeias, como *Agora ele está curado*, *Estou com febre*,

Agora já está tarde, Agora eu não estou com vontade etc., proferidas em momentos diferentes pela mãe ou pela criança, permanecem sob a cadeia manifesta (“*agora eu tô cum tadi*”), deixando vestígios, o que atribui a essa última uma possibilidade constante de tornar-se outra cadeia, causando estranhamento.

Já na terceira posição, há uma diminuição dos vários tipos de erro, ao mesmo tempo em que a fala da criança começa a apresentar pausas, reformulações, autocorreções e correções provocadas pela fala do outro. Aqui, a mudança de posição marca a entrada do sujeito no intervalo “que se abre entre a instância que fala e a instância que escuta, instâncias não coincidentes” (Lemos, 1999, p. 25).

Neste artigo, buscamos, portanto, focalizar produções típicas da segunda posição, ou seja, aquelas que provocam estranhamento (no investigador ou na mãe), na tentativa de diferenciar vários modos em que elas poderiam se apresentar. Tal objetivo se baseia ainda em Lemos (1999), para quem os processos envolvidos, no momento em que a língua é o pólo dominante, geram, como efeito, não apenas os erros, como vestígios metafóricos, mas, sim, outras produções que também apresentam substituições e vestígios do funcionamento lingüístico.

Nesse sentido, foram analisadas as produções verbais de uma díade mãe-filho, registradas em áudio, durante três anos, em sessões semanais com um tempo médio de trinta minutos, as quais já foram usadas para constituir o episódio 1, anteriormente transcrito. A criança (Mariana) tinha um ano e dois meses, no início dos registros que fazem parte do Banco de Dados do Projeto de Aquisição de Linguagem do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas.

A HETEROGENEIDADE DA SEGUNDA POSIÇÃO

No decorrer da análise dos dados verbais da díade mãe-filho estudada, destacou-se, de forma marcante, um determinado tipo de estrutura na fala de Mariana. Por sua vez, tal estrutura aparece sobretudo, num contexto de jogo simbólico que se sobressaiu como um dos tipos de atividade discursiva privilegiados pela mencionada díade.

Vejam, por exemplo, o seguinte fragmento de diálogo:

(2) C = criança M = mãe
(C - 2;3.0)

M – Isso. E *com quem* cê vai falar?

C – Cum io, *cum tio gerente*.

M – Com quem?

C – Vá má fazê. A chovene falando ádio. Intão eu tô falando.

Vale realçar que, na produção/resposta de C: “*cum tio gerente*”, os termos *tio gerente* ocupam, através de uma substituição significativa, o lugar X, na estrutura *Com X*, que foi aberto pela pergunta da mãe: “E *com quem* cê vai falar?”. Assim, pode-se indicar que esse tipo de estrutura/resposta da criança envolveria tanto a repetição imediata de uma estrutura da fala da mãe quanto a formação de um cruzamento imprevisível de significantes, fazendo surgir uma produção nova e singular que provocou um efeito de estranhamento. Dizendo de outro modo: ao mesmo tempo em que tal produção provoca estranhamento, ela parece espelhar, de forma imediata, uma estrutura enunciada pela mãe.

Por sua vez, outras produções singulares constituídas através de um processo de formação específico, análogo ao referido acima, apareceram, em vários momentos, nos dados analisados, apresentando, contudo, diferenças em alguns casos, como, por exemplo, nos episódios seguintes:

(C: 2;5.9)

M – Cê num falou pra mim que ia achar uma menina de conga? O que que essa menina tá *fazendo*?

C – I *nacho*.

M – Está no riacho. E aqui?

C – Tá *passindo*.

M – Tá passeando. O que que ela tem na mão?

C – A (inha).

(C: 2;3.0)

M – De fazer assim ó: br... *o que que é?*

C – *I do pô.*

M – Então, que que ele faz?

C – Br...

M – *De quem é?*

C – Ca co co. *É abibadô.*

M – *É, barbiador.*

(C: 2;3.0 e M. estão folheando uma revista informativa tipo *Veja*)

M – Olha! Igual de quem que é esse carro aqui?

C – É do tio Murilo.

M – Do Murilo?

C – É gal, galzinho do tio máci.

M – Igualzinho do tio Márcio, é mesmo. A perua do tio Márcio, né?

C – É, é sim do tio mácio?

M – É, *aqui*, é a tia Lílian, o tio Márcio, a Adriane, o André e a Mariana.

C – É. *Qui é sãa?*

M – *Aqui* tá a sacola.

C – *Acá qui sãa?*

M – *Aqui* tá a Mariana, o André e a Adriane. Onde é que vocês vão?

(6) (C: 2;3.0)

M – *Onde tá* o André e a Mariana? *Tá aqui* dentro do carro.

C – *Onde ela vamos?*

M – Onde ela vamos? Eles vão pra fazenda.

C – *Onde* o tio Mácio?

M – O tio Márcio *tá aqui*.

C – O avião?

M – O avião num tá aí não. Aí só tem o carro.

C – Acha avião, acha.

M – Vamos ver, olha, achamos.

C – *Onde ele vai?*

M – Num sei. Tem que perguntar pro piloto. O piloto é quem sabe.

- C– Onde, onde tá ele?
M– Tá aqui na cabine
(...)
C– Aa ai. Tá vendo?
M– Tô.
C– Qui, qui, qui, *aqui é sagado. Qui o tio Márcio?*
M– O tio Márcio tá guiando o carro.
C– Tá?
M– Tá.
C– A tia LÍlian tá qui, guiando o carro?
M– Não. A tia LÍlian tá conversando com o tio Márcio
C– Onde ela tá? Onde, ela tá fazendo?

No episódio 3, a expressão *Tá passando* teria espelhado uma estrutura da pergunta feita, um pouco antes, pela mãe: “O *que...tá fazendo?*”. Entretanto, diferentemente do que ocorreu no episódio 2, o lugar *X* da estrutura *Tá X* foi ocupado por um significante – *passando* –, o qual manteve uma certa semelhança sonora com o termo (*fazendo*) usado por M., constituindo-se, talvez, a partir de um cruzamento de significantes, como, por exemplo, *fazendo, passando, passeando, dormindo* etc.

No que concerne ao episódio 4, Mariana, ao espelhar, em sua resposta, a estrutura imediata da pergunta da mãe, introduz uma mudança significativa, transformando-a numa outra estrutura. Explicando melhor, ao responder “*I do pô*” à pergunta da mãe: “... *o que que é?*”, a criança estaria transformando a estrutura *É X* em *É de X*. Em seguida, ao responder: “*É abibadô*” à pergunta “*De quem é?*”, teria ocorrido uma mudança inversa, ou melhor, a estrutura *É de X* teria sido espelhada em *É X*. Convém notar, entretanto, que se mantém uma semelhança entre as várias estruturas, através do significante *é*. Por sua vez, no tocante à segunda resposta mencionada, o termo “*abibadô*”, ao ocupar o lugar *X* da estrutura *É X*, traz à tona o estranhamento provocado por um cruzamento imprevisível de significantes.

Em relação ao episódio 5, o enunciado de C: “*É. Qui é sãa?*”, talvez esteja espelhando a estrutura do enunciado anterior de M: *É, aqui é X*, de forma análoga ao que teria ocorrido no episódio 2.

Contudo, mais adiante, a estrutura verbal de Mariana: *Acá qui X* (“*Acá qui sãa?*”) parece ter espelhado, ao mesmo tempo – isto é, de forma condensada –, duas estruturas diferentes da fala imediata da mãe, ou melhor, parece ter-se constituído como uma estrutura modificada a partir de *Aqui é X* e *Aqui tá X*, com as quais a mãe vinha lhe falando. Seria importante apontar ainda que, nesse fragmento de diálogo (5), também se destacou um deslocamento de posições entre mãe e criança. Dizendo com outras palavras, a partir de um determinado momento, a criança passou a ocupar a posição de *quem pergunta*, deslocando, portanto, a mãe de uma posição (anterior) de *quem pergunta* para uma posição de *quem responde*.

Finalmente, no episódio 6, teriam vindo à tona, nas produções verbais da menina, a riqueza e a complexidade do espelhamento das estruturas da fala (tanto imediata quanto mediata) da mãe, como por exemplo: *Onde tá X ?*, *Tá X*, *Aqui é X*, *Onde vai X ?* etc.

Vale realçar, porém, a seguinte produção singular de C: “*Onde ela tá fazendo?*”, que parece ter-se constituído por um cruzamento entre *Onde ela tá?* e *O que ela tá fazendo?*. Nesse caso, como se pode acompanhar no referido fragmento 6, em face da pergunta de C: “*Qui o tio Márcio?*”, M. respondeu com o enunciado “*O tio Márcio tá guiando o carro*”, ou seja, respondeu com a estrutura *Tá X*, colocando, no lugar de X, os significantes *guiando o carro*. A fala da criança, por sua vez, refletiu esse enunciado, juntamente com um outro (“*A tia Lílian tá qui*”), produzindo, pois, “*A tia Lílian tá qui, guiando o carro?*”.

Mais adiante, a mãe substituiu os significantes *guiando o carro* por *conversando com o tio Márcio* que passaram a ocupar o lugar X da estrutura *Tá X*, que teria sido, logo em seguida, espelhada por Mariana, ao colocar, nesse lugar, o significante *fazendo*. Explicando um pouco melhor, a produção estranha, ora discutida (“*Onde, ela tá fazendo?*”), teria sido decorrente de um cruzamento de cadeias (*Onde ela tá?* e *O que ela tá fazendo?*). Porém, um tal cruzamento talvez tenha sido provocado, de forma imprevisível e singular, pelo espelhamento imediato, na fala da criança, de uma estrutura da fala do adulto (*Tá X*), nessa relação discursiva específica.

Convém, neste momento, chamar a atenção para o fato de que não se pretende atingir a complexidade dos cruzamentos de

estruturas aqui indicados. No entanto, pode-se dizer que, nos vários fragmentos transcritos (a partir do episódio 2), as produções estranhas de C. sugerem que se trataria de um tipo de espelhamento imediato entre estruturas da fala da mãe e da fala da criança, com variações nesse espelhamento. Ou melhor, pode-se apontar para a riqueza, para a heterogeneidade que decorre do movimento da língua, no cruzamento de cadeias, através de substituições e deslocamentos com as matrizes em determinadas estruturas, como por exemplo: *É X, Tá X, É de X* etc.

Em suma, os vários espelhamentos estranhos, aqui realçados, seriam, de um modo geral, o produto heterogêneo do submetimento da criança ao funcionamento da língua caracterizado pela imprevisibilidade.

Nesse sentido, vale sugerir que, apesar das semelhanças entre essas produções estranhas e aquela produção, também estranha (“*Agola eu tô cum tade*”), exemplificada no fragmento 1, talvez elas pudessem se diferenciar, sobretudo, pelo caráter imediato com que as primeiras refletem – com modificações – as estruturas da fala do interlocutor/adulto.

Quanto a esse caráter imediato, pode-se também propor que o tipo singular de produção, aqui focalizado, possuiria uma certa semelhança com um outro fenômeno analisado por Lemos (1999), na fala das crianças, na segunda posição. Trata-se das estruturas paralelísticas que acontecem em diversas atividades discursivas – como monólogos de ação, jogos simbólicos, seqüências de enunciados narrativos da criança – e cuja extensão e heterogeneidade de efeitos foram apontadas pela referida autora. Assim, as estruturas paralelísticas também se caracterizam pela substituição metafórica de significantes numa cadeia, sob o eixo metonímico, constituindo uma diferença na sucessão de cadeias cuja estrutura é a mesma, isto é, uma diferença que se introduz no espelhamento imediato de estruturas, como no exemplo abaixo, transcrito de Lemos (1999):

(7) (C: 2;9.28 brincando com uma boneca)

C- eu falo tudo que eu *quero*
ela come tudo que eu quero

ela faz tudo que eu quero
ela brinca que eu quero
ela brinca que eu faço

Entretanto, vale apontar que, apesar da mencionada semelhança com o paralelismo, as produções verbais estranhas aqui focalizadas apresentam elementos que aquele não engloba, como, por exemplo, o papel decisivo do outro no espelhamento imediato de estruturas. Por sua vez, tal papel decisivo significaria também que a criança estaria convocando o outro para o diálogo, o que, em alguns casos – como no episódio 5 –, poderia provocar o deslocamento desse outro, de uma posição de *quem pergunta* para uma posição de *quem responde*, como se fosse tecendo a relação dialógica.

Desse modo, uma tal análise que, ao mesmo tempo, aproxima e afasta, das estruturas paralelísticas, a estrutura aqui destacada, talvez possa trazer novas evidências para a proposta de Lemos (1999 e 2000) de que o funcionamento estrutural da língua – a partir das substituições metafóricas e dos deslocamentos metonímicos – predomina na fala da criança, num determinado momento de seu percurso lingüístico, para além do erro e da produção estranha. Por sua vez, ao se manifestar numa diversidade de formas, o referido espelhamento estranho – juntamente com outras estruturas, como a do paralelismo – também testemunharia em favor de uma grande heterogeneidade daquela fala, lançando alguma luz sobre a língua, enquanto pólo dominante, na segunda posição ocupada pelo sujeito, em sua trajetória lingüística. Em outras palavras, ter-se-ia se tornado um pouco mais visível a proposta segundo a qual os mesmos processos metafóricos e metonímicos, em sua generalidade, produzem efeitos muito diversos e muito mais amplos do que o erro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões anteriores, o presente artigo teria contribuído para dar visibilidade à amplitude da vigência dos processos metafóricos e metonímicos, para além do erro, da produção estranha e do paralelismo. Por sua vez, teria também trazido à tona a necessidade de se rever o papel do outro/interlocutor adulto, na se-

gunda posição ocupada pela criança em relação à língua. Explicando melhor: nessa posição, em que o sujeito está submetido ao movimento dos processos metafóricos e metonímicos, o outro é concebido como pólo não-dominante, sobretudo em função do erro. Nesse sentido, pode-se mencionar, por exemplo, a impermeabilidade da criança à correção do erro feita pelo adulto. Entretanto, no tipo de produção verbal singular aqui destacado, ao lado do domínio do movimento da língua, o outro/adulto estaria ocupando uma posição fundamental em relação à fala da criança, bem como estaria submetido a um tipo de deslocamento provocado por tal fala. Os efeitos desse deslocamento sobre a trajetória lingüística do sujeito talvez merecessem especial realce. Desse modo, sugere-se que a discussão do papel do outro, na segunda posição proposta por Lemos (1997 e 1999), poderia ser realizada, sobretudo, em função da produção singular discutida neste artigo, na qual ocorreria um certo tipo de espelhamento imediato do discurso do adulto.

Ressalta-se também, no tocante à amplitude dos processos metafóricos e metonímicos, a seguinte questão: Como é que um mesmo funcionamento estrutural teria produzido, como efeito, elementos tão distintos?

Ou ainda: como é que esse funcionamento tão geral poderia produzir um elemento singular, na fala de uma criança, ocorrido, predominantemente, numa atividade discursiva específica?

Embora não se tenha a pretensão de formular qualquer tipo de resposta a essas interrogações, pode-se buscar uma pista no caminho proposto por Lacan (1998), para quem o funcionamento estrutural atua sobre uma experiência, que, no caso em foco, seria a experiência discursiva da relação entre mãe e filha, no jogo simbólico. Em outras palavras: os processos metafóricos e metonímicos teriam produzido efeitos sobre uma experiência específica da criança, em sua relação discursiva com a mãe, dando lugar ao singular, ao imprevisível, no tocante à produção verbal analisada.

Nesse ponto, seria preciso pois admitir, com base em Lacan (1998), que estaria sendo quebrada uma oposição, ou mesmo uma exclusão, entre o singular e o universal, considerados do ponto de vista estrutural. Assim, o funcionamento metafórico e metonímico estaria se atualizando, na fala da criança, sob as mais diferentes for-

mas, mostrando o quanto o estrutural estaria imbricado com a singularidade e, portanto, não fazendo sentido uma separação exclusiva entre termos como *universal, singular, estrutura e experiência*.

ABSTRACT

Aiming at a broader comprehension about the processes occurring in language acquisition, the basic objective of the present study is to go deeper into the analysis of child's utterances which provoke strangeness effect on the part of the adult, as s/he tries to differentiate the various ways in which such utterances could appear. In that sense, verbal data between mother/child were taken for analysis and they showed an outstanding type of singular utterance by the child occurring in a discursive activity of symbolic games. A kind of utterance – that was characterized, basically, by the immediate “mirroring” of structures of the mother's speech – was discussed as being a heterogeneous effect of the operation of the language, in its metaphoric and metonymical processes.

Key-words: Language acquisition; singularity; metaphoric and metonymical processes.

REFERÊNCIAS

BOWERMAN, M. Learning the structure of causative verbs: a study in the relationship between cognitive, semantic and sintatic development. *Papers and Reports on Child Language Development*, v. 8, p. 142-178, 1974.

BOWERMAN, M. Reorganizational process in lexical and sintatic development. In: WANNER, E.; GLEITMAN, L. R. (Orgs.). *Language acquisition: the state of art*, 1982. p. 320-346.

CARVALHO, G. M. M. *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem*. 1995. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

KARMILOFF-SMITH, A. From meta-processes to conscious access: evidence from children's metalinguistic and repair data. *Cognition*, n. 23, p. 95-147, 1986.

LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 653-691.

LEITE, N.V.A. Sobre a singularidade. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 38, p. 39-51, 2000.

LEMOS, C. de. Los procesos metafóricos e metonímicos como mecanismos de cambio. *Substractum*, v. 1, p.121-135, 1992.

LEMOS, C. de. *Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da linguagem*. Trabalho apresentado no The Trento Lectures and Workshop on Metaphor and Analogy. Trento: Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica, jun. 1997.

LEMOS, C. de. *Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de aquisição de linguagem: Parte II*. Relatório de Pesquisa, 1999.

LEMOS, C. de. *Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos*. Trabalho apresentado na mesa-redonda sobre “Aquisição e Patologia”, coordenada por M. F. Lier-de Vitto. V Encontro Nacional sobre Aquisição de Linguagem e I Encontro Internacional sobre Aquisição de Linguagem. Porto Alegre, set. 2000.

LEMOS, M.T. de. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem*. 1994. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PETERS, A. *The units of language acquisition*. Cambridge: CUP, 1983.